

UMA DATA MARCANTE NA HISTÓRIA

por Mário Soares

A Comissão para as Comemorações do Centenário da República - que tem realizado um trabalho notável, com enorme participação popular - teve a excelente ideia de integrar, entre os eventos que tem organizado, um colóquio intitulado "Integração Europeia e Democracia", que teve lugar no Mosteiro dos Jerónimos em 11 de Junho passado.

Foi aberto, pelo seu ilustre e incansável Presidente, Artur Santos Silva, pelo ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Luís Amado e contou com a participação de portugueses, muito bem escolhidos, pelo seu conhecimento e experiência da temática, como: José Medeiros Ferreira, Álvaro de Vasconcelos e Carlos Gaspar (que trataram da "União face aos desafios internacionais"); Marcelo Rebelo de Sousa, António Vitorino e Guilherme d'Oliveira Martins (sobre "a legitimidade democrática em tempo de crise"); Ernâni Lopes, Victor Martins e Maria João Rodrigues (sobre "a União Europeia à prova da Crise Mundial") e Jaime Gama, Felipe Gonzalez e eu próprio (sobre "integração e democracia: os casos de Portugal e Espanha").

No dia seguinte, 12 de Junho, que foi o dia da assinatura do Tratado de Adesão, houve uma comemoração oficial em Lisboa e depois em Madrid, como no dia da efeméride há 25 anos. Em Lisboa, presidida pelo

Presidente da República, professor Cavaco Silva e em Espanha pelo Rei D. Juan Carlos. Tanto em Lisboa como em Madrid falaram ainda o Presidente do Governo espanhol, José Luis Zapatero, o Primeiro-Ministro português, José Sócrates, bem como os presidentes da Comissão Europeia, Durão Barroso, e do Parlamento Europeu, o polaco Jerzy Buzek.

Juntar as duas datas foi, quanto a mim, uma boa ideia, dado que a implantação da República (5 de Outubro de 1910) e a adesão à CEE (12 de Junho de 1985) constituem, com o 25 de Abril de 1974, as três datas mais marcantes do século passado e as que mais contribuíram para a modernidade de Portugal e o seu prestígio internacional. Acresce que a celebração da nossa adesão à CEE, hoje União Europeia e, depois, à Zona Euro, quando era primeiro-ministro, António Guterres, é de uma enorme actualidade, dada a crise especulativa que está a atacar a moeda única e, através dela, a própria integração europeia.

Realmente, desde a fundação da Comunidade Europeia, em 1957, nunca a integração europeia correu tão grandes riscos de se desintegrar como hoje. Uma situação que podia ter sido evitada, se tivesse havido bom senso e mais solidariedade entre os Estados-membros, nomeadamente da parte da Alemanha, reunificada - note-se - graças ao esforço dos seus parceiros europeus. Não houve. Mas agora parece que a Chanceler Merkel compreendeu a gravidade da situação e dispôs-se a actuar. Propôs a criação de um fundo monetário europeu para valer aos Estados-membros em dificuldades, que hoje são praticamente todos, incluindo a Alemanha. Mas um tal fundo implica a sua

gestão, em tempo de recessão, ou seja: um governo económico da União. Será a saída lógica para a crise mas, em si mesma, reclama um novo modelo de desenvolvimento económico e político, numa lógica de tipo federal... A União a dezasseis está reunida precisamente hoje, 17 de Junho. Veremos o que decide.

A circunstância de Portugal e Espanha, como referi acima, terem dado quase simultaneamente uma manifestação pública de unidade e solidariedade, foi oportuna e importante. Como disse Sócrates, em Madrid, "a actual crise só pode resolver-se com mais Europa". E eu acrescento: com mais política e ousadia. Portugal e Espanha, nas cerimónias comemorativas de adesão, demonstraram o seu europeísmo e a importância de uma Europa Unida, solidária e mais justa.

Lisboa, 17 de Junho de 2010